

que apenas mostram tendências, ele utiliza algoritmos de machine learning para prever quedas e picos de glicose com antecedência.

De acordo com Vanessa Brito, gerente de marketing da Roche, a tecnologia foi desenvolvida a partir de um estudo em ambiente in silico, um tipo de simulação digital que utiliza “gêmeos virtuais” de pacientes reais. “O sistema aprendeu a reconhecer padrões de comportamento e consegue prever até 86% dos episódios de hipoglicemia noturna com alta precisão. Isso significa que o paciente pode agir antes da crise, evitando riscos e internações”, explica.

Vanessa ressalta que a inovação está sendo testada no Brasil com foco em educação médica e conscientização dos pacientes. “Não é apenas um lançamento tecnológico, é uma mudança de mentalidade, entender que dados, quando bem utilizados, trazem liberdade, não dependência.”

O alerta dos especialistas

O endocrinologista Márcio Krakauer, diretor regional da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM-SP), chama atenção para o contexto nacional. “O Brasil é o sexto país com maior número de pessoas com diabetes no mundo, cerca de 21 milhões de brasileiros. E muitos ainda não sabem que têm a doença. O grande desafio é fazer com que a tecnologia e a informação cheguem até essas pessoas.”

Segundo ele, apesar do avanço das terapias e dos medicamentos, boa parte dos pacientes ainda não atinge o controle glicêmico ideal. “A inteligência artificial e o monitoramento contínuo são ferramentas poderosas, mas precisamos de educação em saúde. Sem isso, o melhor sensor do mundo vira um acessório caro e subutilizado.”

Para o médico, a próxima fronteira é a integração de dados: “Imagine cruzar informações de glicemia, sono, alimentação e atividade física para prever crises com dias de antecedência. Esse é o futuro da endocrinologia, uma medicina preditiva, personalizada e cada vez mais próxima do paciente”.

Lucas Albanaz, clínico geral e diretor-clínico do Hospital Santa Lúcia Gama, reforça que a tecnologia deve servir como ponte, não como barreira. “A revolução digital tornou o atendimento mais ágil e seguro, mas o verdadeiro ganho está em liberar tempo para o médico olhar o paciente nos olhos. A automação deve libertar o profissional da burocracia, não afastá-lo da empatia.”

Ele destaca o papel dos dispositivos vestíveis e dos aplicativos de saúde, que colocam o paciente como protagonista. “Relógios inteligentes e apps ajudam a monitorar batimentos, sono, pressão e



**Babu Santana
convive com
diabetes tipo 2
há cinco anos**



**O novo sensor Accu-Chek Smart Guide,
desenvolvido pela
Roche Diagnóstica
Brasil, prevê quedas e
aumento de glicemia
antes que aconteçam**

glicemia, tornando o indivíduo mais consciente. É o conceito da ‘medicina do estilo de vida’, em que o cuidado é constante e participativo.”

Mas, assim como Krakauer e Érika, ele alerta para o risco da desigualdade digital. “Enquanto alguns têm acesso a sensores avançados, outros não têm sequer internet estável. Inovação de verdade é aquela que inclui.”

Para os especialistas, o avanço tecnológico não substitui o olhar humano, pelo contrário, pode torná-lo mais preciso e atento. “A IA não decide nada sozinha. Ela apoia o raciocínio clínico, oferece previsões e dados, mas a interpretação é sempre do médico”, lembra Lucas. “O toque humano, a escuta e o vínculo médico-paciente continuam sendo insubstituíveis”, reforça Érika.

No fim das contas, o que a tecnologia promete não é um tratamento automatizado, mas uma vida mais leve para quem convive com o diabetes. Ou, como resume Márcio Krakauer: “Prever é cuidar antes que aconteça. E cuidar antes é salvar mais do que a glicemia, é salvar o dia a dia, o sono, a tranquilidade e, muitas vezes, a própria vida.”

Quem vive com a doença

O ator Babu Santana, diagnosticado com diabetes tipo 2 há cinco anos, é exemplo de alguém que conhecia pouco a doença. “Eu estava em um ritmo muito alucinado após a saída do *Big Brother Brasil*, era uma correria danada, parando só para comer uma pizza, tomar um refrigerante. E quando descobri a diabetes, precisei mudar tudo.”

O ator conta que tinha diversos dos sintomas, mas não relacionava aquilo a diabetes. “Hoje, entendo que falar sobre isso é salvar vidas, especialmente nas periferias, onde muita gente não tem informação nem acompanhamento médico.” Para Babu, uma rotina saudável é uma aliada, assim como a tecnologia. “No meu caso, dieta e exercícios resolvem. Mas eu faço peça, sou diretor, gravo filmes e comerciais, quando teria tempo de parar e furar o dedo? Com o sensor, são dois toques no celular e você já fica informado e sabe como agir.”

***Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**